



Coordenadoria  
do Curso de Letras  
Língua Inglesa e suas Literaturas



Universidade Federal  
de São João del-Rei

**RENATA GABRIELE DE SOUZA GONÇALVES**

**LOUCURA, GÊNERO E ESPAÇO EM “THE YELLOW WALLPAPER” E “TO  
ROOM 19”**

**AGOSTO 2024**

**RENATA GABRIELE DE SOUZA GONÇALVES**

**LOUCURA, GÊNERO E ESPAÇO EM "THE YELLOW WALLPAPER" E "TO  
ROOM 19"**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à  
Coordenadoria do curso de Letras – Língua Inglesa e  
Suas Literaturas como requisito parcial para a  
obtenção do título de licenciado em Letras – Língua  
Inglesa e suas Literaturas pela Universidade Federal  
de São João del-Rei.

**Orientadora:** Prof. Dra. Juliana Borges Oliveira de  
Morais

**São João del-Rei**

**Agosto de 2024**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, aos meus pais que sempre me mostraram, em palavras e ações, a importância da educação. Desde as coisas mais complexas até os pequenos detalhes, eles sempre me incentivaram a continuar. À minha mãe, por sempre me esperar acordada quando eu chegava da aula. Ao meu pai, que me levava para o ponto de ônibus todos os dias, mesmo quando isso significava não chegar a tempo ao seu trabalho. Nada disso seria possível sem o apoio de ambos.

Agradeço ao meu marido, por seu apoio incondicional e compreensão durante as etapas finais deste percurso. Sua paciência e seu incentivo foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora, Juliana Borges Oliveira de Moraes, por despertar meu interesse pela literatura. Quando iniciei as matérias de literatura, receosa pelo conteúdo, meu objetivo era apenas finalizá-las, mas suas aulas me fizeram enxergar beleza no processo e me inspiraram a escolher a literatura como base deste trabalho.

Agradeço também aos docentes do curso de Letras - Língua Inglesa e Suas Literaturas. Além de excelentes profissionais, são pessoas incríveis que sou grata por ter conhecido e que tornam a universidade um ambiente agradável do qual sempre me lembrarei com carinho.

“The truth is, we (women) live like bats, or owls,  
labor like beasts, and die like worms.”

Margaret Cavendish

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os contos “The Yellow Wallpaper” de Charlotte Perkins Gilman, publicado em 1892, e “To Room Nineteen” (1966) de Doris Lessing, publicado em 1963. Ainda que escritos em épocas diferentes, as protagonistas são mulheres que vivenciam situações parecidas: o confinamento, a falta de autonomia e a loucura. Esta pesquisa compara a forma com que as duas obras retratam o enclausuramento e a falta de autonomia das personagens e visa analisar como a loucura é consequência das circunstâncias às quais as personagens estão submetidas. Mergulhando nas complexidades das protagonistas e analisando as suas condições de vida, a pesquisa das obras é dada por meio de uma pesquisa bibliográfica e dos conteúdos literários e críticos, sob uma perspectiva comparatista. Como resultado, observou-se que o gênero e o espaço ocupado pelas personagens estão diretamente relacionados à sua posterior deterioração mental.

**Palavras-chave:** Loucura. Espaço. Gênero. Enclausuramento. Literaturas por mulheres.

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze the short stories 'The Yellow Wallpaper' by Charlotte Perkins Gilman, published in 1892, and 'To Room Nineteen' by Doris Lessing, published in 1963. Although the stories were written in different eras, the protagonists of these stories experience similar situations: confinement, lack of autonomy and madness. This research compares how the two stories portray the confinement and lack of autonomy of the characters. It seeks to analyze how madness is a consequence of the circumstances to which the characters are subjected. By delving into the complexities of the protagonists and examining their living conditions, the research is based on a bibliographic review and analysis of literary and critical content from a comparative perspective. The study demonstrates how gender and the space where the characters lived are directly related to their subsequent mental deterioration.

**Keywords:** Madness. Space. Genre. Entrapment. Women's writing.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2 ESPAÇO E FALTA DE AUTONOMIA .....</b>	<b>20</b>
<b>3 ENCLAUSURAMENTO E LOUCURA .....</b>	<b>25</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se situa no campo dos estudos literários, particularmente de literaturas escritas por mulheres, à luz da crítica feminista e de estudos de gênero. Como recorte literário, usou-se os contos "The Yellow Wallpaper", de Charlotte Perkins Gilman, publicado em 1892, e "To Room Nineteen", publicado em 1963, de Doris Lessing, ambos de autoria feminina, escritos em língua inglesa, que retratam situações de opressão relacionadas ao espaço gendrado e a relações de gênero, de modo a configurar situações de autorreflexão e de deterioração mental.

O interesse no tema da pesquisa surgiu enquanto cursava as matérias "Literaturas escritas por mulheres: séc XVI ao XIX" e "Literaturas Escritas por Mulheres: séc XX à contemporaneidade", ministradas pela Profa. Dra. Juliana Borges Oliveira de Moraes na Universidade Federal de São João Del-Rei. Durante as aulas, estudamos os dois contos que compõem o corpus desta pesquisa e percebemos que apesar de terem sido escritos em períodos diferentes, existem pontos em comum em relação às protagonistas: o enclausuramento e a loucura. Situada na cidade onde fui criada, Barbacena em Minas Gerais, temas como a loucura ecoavam, principalmente por causa do Hospital Colônia – um hospital psiquiátrico – conhecido por seus tratamentos degradantes que levaram milhares à loucura e ao óbito, entre os anos de 1930 e 1980.

Entre as histórias que cresci ouvindo sobre o Hospital Colônia estão as de mulheres que eram enviadas por terceiros, por estarem grávidas, velhas ou se negarem a se casar com alguém. Estas chegavam sãs ao hospital, mas foram levadas à loucura pelo enclausuramento e ambiente hostil que lhes rodeava. Impressiona-me como a narradora de "The Yellow Wallpaper" (2007) e também a personagem Susan, em "To Room Nineteen" (1966), têm tanto em comum com algumas dessas pacientes, mesmo os contos tendo sido escritos em contextos totalmente diferentes da realidade das mulheres em Barbacena.

Este trabalho destaca como a loucura experimentada pelas personagens principais de "The Yellow Wallpaper" (2007) e "To Room Nineteen" (1966) é consequência da falta de autonomia e do enclausuramento a que são submetidas, no âmbito ficcional. A pesquisa visa colaborar com os estudos literários relacionados às escritas de mulheres, em língua inglesa, referentes especialmente aos temas associados a gênero, espaço (aprisionamento) e à loucura. Partiremos de uma análise crítica dos contos "The Yellow Wallpaper" (2007) e "To Room



Nineteen” (1966), para em seguida apresentar os fundamentos teóricos a respeito de espaço e gênero e, também, estabelecer a relação entre gênero e loucura.

No cenário acadêmico, nota-se que a obra "The Yellow Wallpaper" (2007) é tema de diversas pesquisas relacionadas à loucura. Entre elas estão: um capítulo do livro *O papel de parede Amarelo e outros contos de Charlotte Perkins Gilman tradução e crítica* (2006) intitulado “The Yellow Wallpaper: Gênero, criatividade, saúde mental”, de Lucia de La Rocque e Leila Assumpção Harris (2006); o artigo *Madness in Doris Lessing’s To Room Nineteen*, escrito por Eva Hunter (2009); e, também, o trabalho de conclusão de curso de Letras *Um grito de socorro de Charlotte Perkins Gilman: a loucura feminina e sua relação com espaço no conto The Yellow Wallpaper*, de Ana Paula Herculano Barbosa (2020). Esta última, abrangendo, além da temática da loucura, o tópico espaço.

O conto “To room nineteen” (1966) também é o centro de pesquisas sobre a loucura. Podemos citar o capítulo do livro *Studies in Short Fiction* “Redeeming the Irrational: The Inexplicable Heroines of ‘A Sorrowful Woman’ and ‘To Room Nineteen’”, de Linda H. Halisky (2009).

Nota-se também que os contos "The Yellow Wallpaper" (2007) e “To Room Nineteen” (1966) são frequentemente relacionados entre si em pesquisas que abordam a loucura como principal tópico. Entre estes estão o artigo, publicado no *International Journal of Language Literature*, “A Breakdown or a Breakthrough?: ‘Madness’ in Charlotte Perkins Gilman’s The Yellow Wallpaper, Doris Lessing’s ‘To Room Nineteen’ and Khairiya Saqqaf’s ‘In a Contemporary House’”, de Hiba Amro (2018); o artigo intitulado “A Comparative Study of ‘The Yellow Wallpaper’ and ‘To Room Nineteen’”, escrito por Irem Seklem e publicado na revista *European Academic Research*, em 2014; e um capítulo do livro *Reading Women’s World from Christine de Pizan to Doris Lessing* com o título “Madwomen in the Attic: Madness and Suicide in Charlotte Perkins Gilman’s ‘The Yellow Wallpaper’ and Doris Lessing’s ‘To Room Nineteen’”, de Sharon L. Jansen (2011).

Os contos também são relacionados com o espaço e gênero. O artigo “Seclusion as Heterotopia: An Analysis of ‘The Yellow Wallpaper’ and ‘To Room Nineteen’” escrito por Oruç, publicado no *Journal of Institute of Social Sciences*, aborda a relação entre o espaço e as personagens das obras e explicita como essa relação é essencial para os estudos feministas.

Visando contribuir com os demais estudos e explorando as complexidades psicológicas das personagens femininas em contextos de confinamento físico e emocional, bem como as implicações do gênero sob essa perspectiva, o presente trabalho amplia o olhar sobre a representação da loucura, gênero e espaço na literatura.

"The Yellow Wallpaper" (2007) é um conto escrito por Charlotte Perkins Gilman, escritora estadunidense que viveu de 1860 a 1935. O conto é reconhecido como tendo traços autobiográficos, segundo atesta a autora em "Why I Wrote The Yellow Wallpaper" (1913). Ela também teria sido submetida a um tratamento específico para sua condição, à época, relacionado ao seu psicológico. Apesar do enredo não ser sobre a vida de Gilman e sim sobre uma personagem fictícia, a experiência com o tratamento serve de inspiração crucial para a escrita de "The Yellow Wallpaper" (2007).

A história é narrada em primeira pessoa, de forma que temos a perspectiva limitada à visão de uma mulher casada que passa a maior parte dos seus dias de forma solitária. Ela está sendo submetida ao já mencionado tratamento em uma casa isolada juntamente com seu marido e cunhada. Uma de suas características é a apreciação pela escrita. Devido às restrições do tratamento, a personagem precisa escrever em segredo, enquanto sua cunhada e seu marido não a veem. Enquanto escreve às escondidas, ela admite: "Apesar deles, eu escrevi por um tempo, mas me exaure precisar ser tão astuta sobre isso para não enfrentar grande oposição" (Gilman, 2007, p. 1392, tradução nossa)<sup>1</sup>. Por ser proibido no tratamento, o ato de escrever precisa ser feito com cautela para não que a personagem não seja censurada por seu marido e sua cunhada.

A protagonista não tem seu nome mencionado no conto, o que faz sentido considerando o conflito identitário que a personagem vive. Teresinha Hott Coelho e Paulo Roberto Ceccarelli, em seu artigo "Sobre o nome próprio", explicam que "o nome próprio é a figura principal da identidade da pessoa" (Coelho; Ceccarelli, 2022, p. 87). Pode-se relacionar a falta do nome próprio da personagem com a crise identitária em que ela se situa. Além disso, o nome próprio tem como função "nomear, referenciar e distinguir" (Coelho; Ceccarelli, 2022, p. 88). Sem a distinção de um nome, a personagem pode representar diversas mulheres uma só. Como seu nome não é revelado, neste trabalho ela será chamada de personagem principal e narradora.

Nota-se uma certa confusão no posicionamento da personagem principal com relação ao tratamento:

Às vezes, imagino que, em minhas condições, se eu ao menos tivesse menos oposição e mais estímulos sociais, mas John diz que a pior coisa que posso fazer é

---

<sup>1</sup> No original: "I did write for a while in spite of them; but it *does* exhaust me a good deal - having to be so sly about it, or else meet heavy opposition" (Gilman, 2007, p. 1392)

pensar sobre minha condição e eu confesso que isso sempre faz eu me sentir mal (Gilman, 2007, p. 1392, tradução nossa)<sup>2</sup>.

É possível observar uma pessoa extremamente dividida. A opinião de seu marido John, que é médico, e a sua própria opinião se misturam, causando uma desordem de sentimentos. A citação mostra que mesmo imaginando que o oposto do tratamento imposto fosse melhor para ela, o ponto de vista de seu marido tem grande influência sob a opinião da narradora.

O cenário do tratamento é “uma mansão colonial” (Gilman, 2007, p. 1392, tradução nossa)<sup>3</sup>. Ao chegar no local a personagem principal descreve os cômodos existentes. Entre eles, um quarto que ela considera bonito, “com rosas ao redor da janela” (Gilman, 2007, p. 1392, tradução nossa)<sup>4</sup>, no qual a narradora gostaria de se instalar. Seu desejo de escolha do quarto é negado pelo marido, que acredita que outro quarto atende melhor às exigências necessárias para seu descanso. Um detalhe no quarto que foi designado à personagem ganha destaque: o papel de parede amarelo instalado nas paredes. Inicialmente, a narradora registra sua desaprovação pelo papel de parede em questão e em secreto, longe de sua cunhada e marido. Ela escreve: “nunca vi papel mais feio em toda a minha vida” (Gilman, 2007, p. 1392, tradução nossa)<sup>5</sup>. Tamanho repúdio pelo papel de parede a motiva a solicitar a seu marido uma mudança de quarto. Tal pedido lhe é negado. Sendo assim, a narradora se vê fadada a passar os próximos dias acompanhada do papel de parede amarelo.

Com o tempo, algo no papel de parede começa a instigar a personagem cada vez mais. Ela o observa e passa a examinar sua estampa. A narradora pontua: “Há um ponto recorrente onde a estampa paira como um pescoço quebrado e dois olhos bulbosos de cabeça pra baixo te encaram” (Gilman, 2007, p. 1395, tradução nossa)<sup>6</sup>. Após analisar detalhadamente o papel de parede, sua aparência em diferentes luzes, suas estampas e tons ela conclui: “Nos lugares em que ele não está desbotado e onde o sol bate — Eu consigo ver uma figura estranha, provocante e sem forma que parece esgueirar-se por trás daquele design bobo e conspícuo”

---

<sup>2</sup> No original: “I sometimes fancy that in my condition if I had less opposition and more society stimulus - but John says the very worst thing I can do is to think about my condition, and I confess it always makes me feel bad.” (Gilman, 2007, p. 1392)

<sup>3</sup> No original: “a colonial mansion” (Gilman, 2007, p. 1392)

<sup>4</sup> No original: “and had roses all over the window” (Gilman, 2007, p. 1392)

<sup>5</sup> No original: “I never saw a worse paper in my life” (Gilman, 2007, p. 1392)

<sup>6</sup> No original: “There is a recurrent spot where the pattern lolls like a broken neck and bulbous eyes stare at you upside down” (Gilman, 2007, p. 1395)

(Gilman, 2007, p. 1395, tradução nossa)<sup>7</sup>. O papel de parede, até então tido como objeto de desprezo pela personagem, passa a despertar sua curiosidade.

A descoberta da figura no papel de parede tem grande impacto sobre a personagem principal, que dedica boa parte de seu tempo o investigando secretamente. Durante o dia e a noite, ela observa a estampa, para enfim perceber que, possivelmente, a figura por trás do papel de parede amarelo é uma mulher. A personagem, então, detalha: “Por muito tempo, eu não percebi qual era a figura que aparecia por trás daquela sub-estampa escura, mas agora eu tenho quase certeza que é uma mulher.” (Gilman, 2007, p. 1399, tradução nossa)<sup>8</sup>. A revelação de que a figura pode ser uma mulher a motiva ainda mais a continuar a investigar o papel de parede.

Após muita especulação, a narradora acredita que a figura é, sim, uma mulher que está aprisionada dentro do papel de parede. Seu objetivo passa a ser o de libertá-la. Ela se esforça para ficar a sós com o papel, longe da presença de seu marido e cunhada e usa todas as suas forças no trabalho de resgate. Após dias e dias de trabalho, descascando o papel de parede, ela sente que está perto de libertar a mulher.

O desfecho do conto evidencia as consequências do tratamento: o marido descobre que o papel de parede amarelo havia se tornado a ocupação principal da narradora durante o período de tratamento. Ao abrir o quarto, ele vê sua esposa rastejando, dizendo: “Finalmente, eu saí” (Gilman, 2007, p. 1403, tradução nossa)<sup>9</sup>. O vislumbre dessa cena o deixa em estado de choque. Ele desmaia, mas isso não impede a personagem de continuar a rastejar. Ela faz isso, inclusive, passando por cima dele (Gilman, 2007), a cada volta que faz, no quarto. A imersão na loucura da personagem pode ser lida como decadência mental ou liberdade.

A loucura como liberdade é explorada no artigo *A Breakdown or a Breakthrough? “Madness” in Charlotte Perkin Gilman’s “The Yellow Wallpaper”, Doris Lessing’s “To room nineteen,” and Khairyra Saqqaf’s “In a contemporary house”*. Nele, Hiba Amro argumenta que existe “a possibilidade de a loucura não ser inteiramente um colapso, mas também uma ruptura” (Amro, 2018, p. 2, tradução nossa)<sup>10</sup>. Laing, um psiquiatra britânico, também fala sobre a loucura em seu livro *The Politics of Experience and The Bird of Paradise*, e a define como tendo dois lados, servindo como uma possível libertação e renovação ou como

<sup>7</sup> No original: “But in the places where it isn’t fade and where the sun is just so — I can see a strange, provoking, formless sort of figure, that seems to skulk about behind that silly and conspicuous front design.” (Gilman, 2007, p. 1395)

<sup>8</sup> No original: “I didn’t realize for a long time the thing was that showed behind, that dim sub-pattern, but now I am quite sure it is a woman.” (Gilman, 2007, p. 1399)

<sup>9</sup> No original: “I’ve got out at last” (Gilman, 2007, p. 1403)

<sup>10</sup> No original: “the possibility of madness not being entirely a breakdown, but also a breakthrough” (Amro, 2018, p. 2)

escravidão e morte existencial (Laing, 1970). Sendo assim, a loucura pode ser lida como um auxílio no rompimento de situações às quais o sujeito se vê submetido.

No caso da personagem em "The Yellow Wallpaper" (2007), Bruna Oliveira Brum e Ricardo Moura Buchweitz, em seu artigo *A Loucura como Forma de Libertação: As Relações de Poder no Conto O Papel de Parede Amarelo*, explicam o conceito da loucura como libertação:

Pelo senso comum a insanidade representa falta de domínio sobre a razão, o sujeito ao inverso, ignorante. De posse deste conceito, concluímos que, embora possa ser trancada novamente em um quarto, pela falta de domínio de si, pela falta de razão, a louca não será mais refém de julgamentos ou autoridades, será, portanto livre. (Brum; Buchweitz, 2019, p. 70)

De acordo com esse pensamento, a narradora inconscientemente utilizou a loucura como uma forma de se libertar da opressão que vivia. Em ambos os contos comparados nesta pesquisa, a interpretação da loucura, como algo negativo ou libertação, depende do leitor.

O conto "To Room Nineteen" (1966), por sua vez, é escrito por Doris Lessing. Filha de britânicos e nascida no Irã em 1919, Lessing ficou conhecida por escrever, entre outros tópicos, histórias que abordam questões de gênero, como o conto "Wine", escrito em 1957 e o livro *The Golden Notebook*, de 1962. Em 2007 a autora foi premiada com um Nobel de literatura. Lessing faleceu em 2013, após contribuir grandemente para a arte literária.

"To Room Nineteen" (1966) foi escrito e publicado juntamente com outros contos no livro *A man and Two Women*. A tradução da obra para o português foi feita por Tati Moraes e publicada pela editora Record. Atualmente, "To Room Nineteen" pode ser encontrado no livro *Collected Stories*, publicado em 2013.

O conto aborda os efeitos nocivos na vida da personagem principal, Susan, que se dedica exclusivamente à família, resultando em sua falta de autonomia, com consequências em sua saúde mental. Susan é mãe e esposa, papéis que consomem a maior parte de sua energia. Contudo, nem sempre havia sido assim: antes de ser mãe de quatro filhos, Susan trabalhava em uma empresa de publicidade, ganhando seu próprio dinheiro. É essa a imagem inicial que se tem dela, no conto: uma mulher inteligente, criativa e independente, que aos poucos se deixa ser transformada por uma Susan que vive por seus filhos, marido e pela supervisão dos serviços domésticos de sua casa.

Susan convive diariamente com a sobrecarga de ser a mãe e a esposa ideal. Ela sente que precisa se empenhar constantemente para manter o bem-estar de seus filhos e marido, o

que envolve supervisionar afazeres domésticos e estar constantemente disponível para as demandas emocionais e físicas de seus familiares. Para Susan,

Essa estrutura — casa grande branca, em que a hipoteca ainda custa quatrocentos por ano; um marido tão gentil e inteligente; as quatro crianças todas indo tão bem; e o jardim onde ela se sentava; e Sra. Parkes, a empregada — tudo isso dependia dela e ainda assim, ela não conseguia entender o porquê ou até mesmo como ela contribuiu para isso (Lessing, 1966, p. 280, tradução nossa)<sup>11</sup>

No decorrer do tempo, a personagem percebe que isso a afeta negativamente, pois relata que se sente “frequentemente entediada, porque crianças pequenas podem ser entediadas e ela estava frequentemente muito cansada.” (Lessing, 1966, p. 274, tradução nossa)<sup>12</sup>. Além de ser cansativo, na perspectiva da protagonista, cuidar das crianças e da casa mantêm Susan no ambiente doméstico, o que a impede de exercer sua individualidade, no conto em tela. É notável que ela se torna tão focada nas tarefas como mãe e esposa que se esquece de si mesma.

É como se, durante todos aqueles anos, Susan não fosse mais ela mesma, mas sim uma pessoa que vive em prol de sua família. Ela descreve essa fase de sua vida como um momento em que “sua alma não era mais sua (...) mas sim de seus filhos” (Lessing, 1966, p. 274, tradução nossa)<sup>13</sup>. Todo aquele tempo dedicado exclusivamente à família anula a possibilidade de Susan olhar para si. Quando, após doze anos, todos os seus filhos finalmente estão na escola e Susan tem tempo e espaço para ficar sozinha, ela sente que precisa aprender como ser ela mesma de novo.

Com o objetivo de encontrar um lugar onde possa exercer sua individualidade, Susan pensa em formas de ficar sozinha. Ela conversa sobre esse assunto com seu marido. “Como resultado da conversa com seu marido, existiria um novo regime nas próximas férias” (Lessing, 1966, p. 281, tradução nossa)<sup>14</sup>. Um quarto é separado para que Susan possa ficar a sós em sua própria casa. A decisão é comunicada a toda família: o quarto no topo da casa será um lugar onde a mãe não deve ser incomodada. Enquanto ela estiver lá dentro, ninguém deve entrar no quarto ou a chamar. “A família e Senhora Parkes sabiam que aquele era o ‘Quarto da mãe’ e que ele estava reservado para sua privacidade” (Lessing, 1966, p. 281, tradução

<sup>11</sup> No original: “this structure — big white house, on which the mortgage still cost four hundred a year; a husband, so good and kind and insightful; four children, all doing so nicely; and the garden where she sat; and Mrs. Parkes, the cleaning woman — all this depended on her, and yet she could not understand why, or even what it was she contributed to it” (Lessing, 1966, p. 280)

<sup>12</sup> No original: “often enough she was bored, since small children can be boring, she was often very tired” (Lessing, 1966, p. 274)

<sup>13</sup> No original: “her soul was not her own (...) but her children’s.” (Lessing, 1966, p. 274)

<sup>14</sup> No original: “As a result of this conversation, there was a new regime next holidays” (Lessing, 1966, p. 281)

nossa)<sup>15</sup>. Para que isso ficasse bem claro, as crianças escrevem uma placa para o quarto com os dizeres “Privado! Não Incomode!” (Lessing, 1966, p. 281, tradução nossa)<sup>16</sup>. Susan fica a sós no quarto da mãe algumas vezes, mas ela não sente a privacidade que deseja. É como se o quarto não fosse, afinal, dela, mas uma concessão.

Infelizmente, a ideia do quarto não funciona. Susan “se sentia mais enjaulada lá do que em seu quarto” (Lessing, 1966, p. 282, tradução nossa)<sup>17</sup>. Certo dia, quando recebe os amigos de seus filhos em casa, Susan sobe para o cômodo. Nesse dia, durante uma brincadeira, as crianças sobem a escada, que leva ao cômodo, em alvoroço, até que se lembram das regras e um silêncio repentino substitui a agitação. Mais tarde, seus filhos pedem desculpas e Susan percebe que o quarto havia se transformado em “uma lição sobre respeitar os direitos das outras pessoas” (Lessing, 1966, p. 282, tradução nossa)<sup>18</sup>. Não demora muito para que o quarto, que é um lugar destinado a ela, se torne sobre seus filhos já que “Susan estava subindo ao quarto apenas porque era uma pena deixar de ensinar essa lição” (Lessing, 1966 p. 282, tradução nossa)<sup>19</sup>. Além disso, o quarto se torna “um cômodo como qualquer outro da casa” (Lessing, 1966, p. 283, tradução nossa)<sup>20</sup>, com todos entrando e saindo. Mais uma vez, Susan não consegue se sentir livre em sua própria casa.

Ainda assim, Susan “sonhava em ter um quarto ou um lugar, em qualquer lugar onde ela pudesse ir e sentar, sozinha, sem ninguém saber onde ela estava” (Lessing, 1966, p. 284, tradução nossa)<sup>21</sup>. Um dia, ela vê o anúncio de quartos para alugar em uma banca de jornal e percebe que deve alugar um quarto. Para executar seu plano, Susan espera um dia em que as crianças estão na escola, nenhum deles está doente e tudo parecia em ordem. Ela pega um trem para Victoria, onde procura por um quarto para ficar durante o dia. Como não há quartos em que se passe apenas o dia, Susan tem que pagar o preço inteiro de uma estadia e inventar uma história sobre estar doente e precisar descansar, para convencer os donos do hotel a alugar o quarto para ela. A história gera comoção e Srta. Townsend, a gerente do hotel, interrompe o descanso de Susan, levando para ela um copo de chá. A Srta. Townsend imagina que Susan queria companhia, iniciando uma conversa. Quando Susan se dá conta, está no meio de uma história mirabolante sobre sua suposta doença. De qualquer forma, ela falha em

<sup>15</sup> No original: “The family and Mrs. Parkes knew this was ‘Mother’s room’ and that she was entitled to her privacy.” (Lessing, 1966, p. 281)

<sup>16</sup> No original: “Private! Do not disturb!” (Lessing, 1966, p. 281)

<sup>17</sup> No original: “she felt even more caged there than in her bedroom.” (Lessing, 1966, p. 282)

<sup>18</sup> No original: “a lesson in respect for other people’s rights” (Lessing, 1966, p. 282)

<sup>19</sup> No original: “Susan was going up to the room only because it was a lesson it was a pity to drop” (Lessing, 1966, p. 282)

<sup>20</sup> No original: “it become another family room” (Lessing, 1966, p. 283)

<sup>21</sup> No original: “She dreamed of having a room or a place, anywhere, where she could go and sit, by herself, no one knowing where she was” (Lessing, 1966, p. 284)

cumprir o seu objetivo: estar “sozinha durante algumas horas, acima de tudo sozinha” (Lessing, 1966, p. 285, tradução nossa)<sup>22</sup>. Por isso, Susan precisa pensar em outra forma de ficar a sós.

Seu próximo passo em busca de sua individualidade é viajar sozinha para Gales, “o lugar mais remoto que ela conhecia” (Lessing, 1966, p. 287, tradução nossa)<sup>23</sup>. Apesar de estar longe e sozinha, ela não se desvincula de seu papel como mãe e esposa. Todos os dias, Susan telefona e conversa com cada um de seus filhos e com seu marido. Sra. Parkes, a cozinheira que diz precisar da aprovação de Susan em seu trabalho, também pede para receber telefonemas de Susan. Susan percebe, durante a sua viagem, “o fio do telefone amarrando-a ao seu dever como uma coleira” (Lessing, 1966, p. 288, tradução nossa)<sup>24</sup>. Mesmo longe, as obrigações a achavam aonde quer que ela fosse.

A solução encontrada por Susan é, então, alugar um quarto de hotel onde ninguém a conheça ou possa fazer perguntas sobre sua estadia. Após pedir uma quantia de dinheiro ao seu marido, sem dizer exatamente para que precisava dele, Susan passa a se isolar neste quarto. O quarto em questão, de número 19, fica localizado em Paddington, uma região na cidade de Westminster, perto de Londres. Este se apresenta como sendo um refúgio para Susan. Sem questionamentos prévios ou o conhecimento de sua família sobre onde Susan ia ou o que estava fazendo, a personagem pode sentir paz e liberdade. No quarto, ela fica em silêncio e a sós, e por estar longe de tudo que a faz lembrar de suas obrigações e papéis sociais, Susan sente um alívio momentâneo das pressões a ela impostas como mãe e esposa. A sensação é tão boa, que com o passar do tempo, Susan passa de três a cinco visitas semanais ao quarto 19.

No entanto, com as saídas constantes de Susan, seu marido começa a desconfiar de uma traição. Matthew, o marido, tem traído Susan há algum tempo e acredita que Susan fazia o mesmo. Por isso, ele contrata um detetive para descobrir onde sua esposa vai e com quem se encontra. Consequentemente, Matthew descobre o hotel que ela frequentava e o quarto 19. Com o conhecimento de seu marido sobre o quarto, o local perde o status de abrigo para Susan, que se vê novamente sem liberdade.

Quando visita o quarto 19 novamente, Susan não consegue se conectar com o antigo sentimento de liberdade e descanso que anteriormente sentia ali. Sem um ambiente para exercer sua individualidade, se sentindo desesperançosa e angustiada, Susan decide tirar sua

---

<sup>22</sup> No original: “alone for a few hours, above all alone” (Lessing, 1966, p. 285)

<sup>23</sup> No original: “the remotest place she knew of” (Lessing, 1966, p. 287)

<sup>24</sup> No original: “the telephone wire holding her to her duty like a leash” (Lessing, 1966, p. 288)



própria vida no quarto 19. Tal ato expressa o resultado de uma vida de opressão emocional e confinamento psicológico da personagem.

Analisando o enredo de "The Yellow Wallpaper" (2007) e "To Room Nineteen" (1966) à luz dos estudos de espaço, gênero e loucura, percebe-se como esses elementos estão intrinsecamente entrelaçados nas experiências das protagonistas.

Primeiramente, no que se refere aos estudos de espaço, a geógrafa Doreen Massey em seu livro *Space, Place and Gender* nos mostra que o espaço é "construído de múltiplas relações sociais" (Massey, 1994, p. 4, tradução nossa)<sup>25</sup>. A definição de espaço é crucial para esta pesquisa já que auxilia no entendimento do contexto das personagens, uma vez que elas estão inseridas em espaços específicos e similares: suas casas. Estarem restritas às suas casas limita também as personagens dos contos às relações sociais inerentes aos espaços em questão. Pensar no espaço, não como sendo apenas um local estático, mas sim um conceito dinâmico e transpassado por relações sociais destaca o que está envolvido no enclausuramento. O conceito de espaço levantado por Massey (1994) mostra que o confinamento vai muito além do que apenas estar cercado fisicamente: ele envolve também restrições a relações sociais.

Justamente com o espaço, o gênero é fator crucial para a análise dos contos, uma vez que está fortemente atrelado à experiência de confinamento vivenciado pelas personagens. Tanto Susan quanto a narradora em "The Yellow Wallpaper" (2007) permanecem em casa, enquanto seus maridos saem para o trabalho: John, o marido da narradora de "The Yellow Wallpaper" (2007), é "um médico de posição elevada" (Gilman, 2007, p. 1392, tradução nossa)<sup>26</sup>, enquanto Matthew, o marido de Susan, em "To Room Nineteen" (1966), trabalha como "um subeditor de um grande jornal de Londres" (Lessing, 1966, p. 267, tradução nossa)<sup>27</sup>. John e Matthew transitam por diferentes espaços, não só a esfera doméstica. Massey evidencia que o simples fato de sair para trabalhar é uma oportunidade diferenciada, pois, segundo ela, as mulheres que permanecem em casa "não criam círculos de amigos e contatos, nem estabelecem uma esfera espacial de existência separada" (Massey, 1994, p. 209, tradução nossa)<sup>28</sup>. Ou seja, pelo simples fato de saírem para trabalhar, os homens são menos propensos a vivenciar a mesma situação que as personagens que se sentem aprisionadas mentalmente e fisicamente.

---

<sup>25</sup> No original: "constructed out of the multiplicity of social relations" (Massey, 1994, p. 4)

<sup>26</sup> No original: "A physician of high standing" (Gilman, 2007, p. 1392)

<sup>27</sup> No original: "A subeditor on a large London newspaper" (Lessing, 1966, p. 267)

<sup>28</sup> No original: "They do not make independent circles of friends and contacts, nor establish a spatially separate sphere of existence" (Massey, 1994, p. 209)

Em “To Room Nineteen” (1966), Susan perde a possibilidade de ser livre após o nascimento de seus filhos. A partir deste acontecimento, ela deixa o seu trabalho e passa a cuidar integralmente dos seus filhos. Dessa forma, o seu marido poderia continuar trabalhando. Massey sugere que os próprios empregos foram criados para quem não tem que ter o trabalho de dar à luz e cuidar de outras pessoas (Massey, 1994), para aqueles que têm alguém para cuidar dos filhos. No conto, o marido de Susan transita entre a esfera familiar e o trabalho, enquanto sua esposa fica com a sobrecarga, cuidando tanto dos filhos quanto dos afazeres domésticos, executando trabalhos ou gerenciando-os.

A junção dos fatores gênero e espaço resultam no terceiro fator a ser analisado nos contos: a loucura. Neste trabalho, a expressão “loucura” é usada no lugar de “doença mental”, já que doença mental é um termo “problemático que sugere uma patologia interna indiscutivelmente categorizada e/ou curada pela biomedicina; um estado de doença que ocorre internamente, no indivíduo, sendo separada de cultura, valores e política” (Ussher, 2011, p. 4, tradução nossa)<sup>29</sup>.

No livro *The Madness of Women*, Jane M. Ussher (2011) explica que loucura e gênero estão fortemente entrelaçados, ao pontuar que a loucura é uma experiência gendrada. De acordo com a autora, apesar das emoções relacionadas à loucura serem comuns a homens e mulheres, as mulheres são mais diagnosticadas como loucas do que homens. Mesmo que estas não estejam exatamente sofrendo de patologias, o simples fato de esboçar emoções que divergem das expectativas de seus familiares, cônjuges ou amigos, já é o suficiente para serem rotuladas como loucas.

Jane M. Ussher aborda que “de fato, a loucura pode ser uma resposta a uma situação insustentável; o resultado de viver em um mundo insano” (Ussher, 2011, p. 5, tradução nossa)<sup>30</sup>. A relação entre loucura e gênero fica muito evidente nos contos pesquisados, especialmente em “The Yellow Wallpaper” (2007), no qual se tem um diagnóstico gendrado, visto que o tratamento que aprisiona a narradora era prescrito quase exclusivamente para mulheres. A escritora Charlotte Perkins Gilman em “Why I Wrote The Yellow Wallpaper” (1913) relata que o tratamento prescrito a ela, por ser mulher, quase a levou à loucura. Já em “To Room Nineteen” (1966) o fator que traz a loucura para a vida de Susan também está

---

<sup>29</sup> No original: “‘Mental illness’ is problematic, as it suggests an internal pathology that can be incontrovertibly categorized and cured by biomedicine; a disease state that occurs within the individual and is separate from culture, values and politics.” (Ussher, 2011, p. 4)

<sup>30</sup> No original: “Indeed, madness may be a reasonable response to an untenable situation; the result of living in an insane world” (Ussher, 2011, p. 5)

atrelado ao gênero: ser uma mãe e esposa, visto que, na história, esses papéis a sobrecarregam e a levam a se esquecer de si mesma.

Ao abordar o tópico de que mulheres são mais frequentemente diagnosticadas do que homens, Jane M. Ussher aponta que:

Alguns dirão que as mulheres são mais loucas do que os homens, com o tratamento psiquiátrico uma força beneficente que traz cura para a desordem da mente feminina. Eu expresso uma explicação alternativa: que mulheres são sujeitadas a diagnósticos errados dados por especialistas cujos próprios interesses monetários podem ser questionados, assim como seu uso (ou abuso) de poder. Isso não é negar a prolongada experiência das mulheres com miséria e sofrimento que inquestionavelmente existe. No entanto, se examinarmos a raiz do sofrimento no contexto das vidas das mulheres, isso pode ser conceitualizado como uma reação razoável, não como uma patologia. (Ussher, 2011, p. 1, tradução nossa)<sup>31</sup>

Observa-se que, após serem colocadas em situações estressantes, por seu gênero e por reagirem a essas situações, as mulheres são lidas como loucas e submetidas a tratamentos psicológicos. No livro *The Madwoman in the Attic*, Sandra M. Gilbert e Susan Gubar, ao falar sobre a causa da loucura e o tratamento utilizado no conto "The Yellow Wallpaper", mencionam que “a cura, com certeza, é pior que a doença, já que a condição mental da mulher doente se deteriora rapidamente” (Gilbert; Gubar, 2000, p. 89, tradução nossa)<sup>32</sup>. Os tratamentos intensificam a situação de miséria vivida pelas mulheres.

Em "The Yellow Wallpaper" (2007), a personagem principal é submetida a um tratamento que pode ser caracterizado como uma situação estressante: ela é confinada a uma casa e submetida a esse tratamento contra sua vontade. A narradora pontua que discorda desse tratamento, mas mesmo assim acaba sendo sujeita a ele (Gilman, 2007). Já em “To Room Nineteen” (1966), Susan passa pelo estresse e sobrecarga de estar integralmente atrelada apenas aos papéis de ser mãe e esposa, a ponto de perder sua individualidade. O impacto dessa situação é tão grande que a personagem chega a dizer que precisa reaprender a como ser ela mesma (Lessing, 1966). Em ambos os casos, nota-se como a loucura é consequência direta das situações negativas as quais as personagens experienciam.

---

<sup>31</sup> No original: “Some would say that women are more mad than men, with psychiatric treatment a beneficent force that sets out to cure the disordered female mind. I proffer an alternative explanation - that women are subjected to misdiagnosis and mistreatment by experts whose own pecuniary interests can be questioned, as can their use (or abuse) of power. This is not to deny the reality of women's experience of prolonged misery or distress, which undoubtedly exists. However, if we examine the roots of this distress, in the context of women's lives, it can be conceptualized as a reasonable response, not a reflection of pathology within.” (Ussher, 2011, p. 1)

<sup>32</sup> No original: “The cure, of course, is worse than the disease, for the sick woman's mental condition deteriorates rapidly” (Gilbert; Gubar, 2000, p. 89)

## 2 ESPAÇO E FALTA DE AUTONOMIA

Nos contos analisados, espaço e autonomia estão intrinsecamente ligados. No Dicionário Aurélio lemos que autonomia significa: “a) faculdade de se governar por si mesmo; (b) direito ou faculdade de se reger por leis próprias e (c) liberdade ou independência moral ou intelectual” (Ferreira, 2010). Sendo assim, quem tem sua autonomia preservada tem também a liberdade de escolher por si próprio, o que abrange diversos fatores da vida, incluindo decisões acerca de seu espaço.

Em "The Yellow Wallpaper" (2007) e “To room nineteen” (1966), observa-se, porém, que não só a autonomia influencia o espaço, como também o espaço influencia a autonomia. Ou seja, a autonomia afeta o espaço, pois uma pessoa sem esta não tem a liberdade de tomar decisões acerca de seu espaço, e o espaço afeta a autonomia já que ela pode ser ameaçada dependendo das relações existentes no espaço em questão. Com relação ao que concerne ao fator espaço, Massey (1994) nos mostra que este não é apenas uma superfície plana, mas é também criado por relações sociais que são, em sua natureza, dinâmicas. Em ambos os contos, a relação principal estabelecida nos espaços de suas casas, lugares em que passam a maior parte do tempo do enredo, é a relação familiar em que ocupam o papel de esposa/mãe. Nesta seção, veremos como o ambiente interfere diretamente na autonomia das duas personagens.

No conto "The Yellow Wallpaper" (2007), a narradora vive o oposto da definição de autonomia referenciada no início desta seção. Primeiramente, ela não governa a si mesma e nem segue suas próprias leis. Não é ela quem decide que será confinada em uma casa e submetida a um tratamento, mas o segue mesmo assim.

Eu tomo fosfatos ou fosfitos — seja lá o que isso for, e tônicos, e jornadas, e tomo ar, e me exercito, e estou absolutamente proibida de ‘escrever’ até estar bem novamente. Pessoalmente, eu discordo das ideias deles. Pessoalmente, acredito que trabalho congênito, animação e mudança me fariam bem (Gilman, 2007, p. 1392, tradução nossa).<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> No original: “So I take phosphates or phosphites — whichever it is, and tonics, and journeys, and air, and exercise, and I am absolutely forbidden to ‘work’ until I am well again. Personally, I disagree with their ideas. Personally, I believe that congenital work, with excitement and change, would do me good.” (Gilman, 2007, p. 1392)

O tratamento consiste em isolar a paciente por algumas semanas, período este em que ela fica de cama, além de extinguir atividades que fomentam o intelecto, a criatividade ou que são estimulantes (Ussher, 2011). Uma situação extremamente desagradável.

A narradora até tenta exercer controle sobre suas ações, mas o espaço e as relações intrínsecas a ele regem a situação. Sua opinião tem pouco, ou nenhum, efeito se contrastada com os comandos de seu marido e de seu irmão, ambos médicos, e em diversos momentos sua voz é silenciada. Isso pode ser observado quando, revelando não concordar com uma característica crucial do tratamento: o isolamento social, ela pede ao seu marido que a deixe fazer uma visita a seus primos.

Eu tentei ter uma conversa honesta e racional e dizer a ele como eu gostaria que me deixasse ir fazer uma visita ao primo Henry e Julia. Mas ele disse que eu não conseguiria ir, nem aguentaria ficar depois que chegasse lá e eu não me ajudei, porque estava chorando antes que eu tivesse terminado. (Gilman, 2007, p. 1397, tradução nossa)<sup>34</sup>

Sua tentativa é frustrada, pois ela não consegue controlar o choro, que é iminente tendo em vista a situação humilhante em que se encontra, mas que é encarado pela narradora como uma fraqueza.

Naquele espaço, além da liberdade de governar a si mesma, a narradora de "The Yellow Wallpaper" (2007) vê sua liberdade intelectual ameaçada. Ela é orientada a não refletir sobre sua situação, além disso a escrita também é proibida. Ao sugerir que ter mais contato social e estímulos seriam bons para ela, ela é orientada, por seu marido, a não pensar sobre sua condição. A narradora reporta "John diz que a pior coisa que posso fazer é pensar na minha condição e eu confesso que isso sempre faz eu me sentir mal" (Gilman, 2007, p. 1392, tradução nossa)<sup>35</sup>. Por causa do tratamento aplicado no espaço em que se encontrava, outras restrições intelectuais são aplicadas: a narradora não deveria escrever para que se curasse rapidamente (Ussher, 2011). A escrita e suas características adjacentes como a imaginação e a criatividade são encaradas como impróprias por seu marido (Gonçalves, 2017). Tantas restrições eliminam as escolhas que seriam feitas pela narradora.

---

<sup>34</sup> No original: "I tried to have a real, earnest, reasonable talk with him the other day, and tell him how I wish he would let me go and make a visit to Cousin Henry and Julia. But he said I wasn't able to go, nor able to stand it after I got there; and I did not make out a very good case for myself, for I was crying before I had finished" (Gilman, 2007, p. 1397)

<sup>35</sup> No original: "John says the very worst thing I can do is to think about my condition, and I confess it always makes me feel bad." (Gilman, 2007, p. 1392)

O espaço habitado pela narradora de "The Yellow Wallpaper" (2007) apresenta um ataque direto à sua autonomia. As relações sociais que transpassam o espaço a impedem de existir em outros ambientes e a proibem de agir e pensar neste espaço a que lhe foi imposto. Como explicitado no parágrafo anterior, a narradora era orientada a permanecer isolada, a não pensar em sua condição e a não escrever, pois isso poderia a prejudicar (Gilman, 2007). Sendo assim, o espaço impede a narradora de exercer sua autonomia, a impossibilita de governar a si mesma e anula sua liberdade intelectual.

O ambiente também tem uma grande influência na autonomia de Susan Rawlings em "To Room Nineteen" (1966). No contexto do conto britânico dos anos 70, as mulheres já exerciam o direito de trabalhar e ganhar seu próprio dinheiro, o que está intrinsecamente ligado à autonomia, mas esse não é o espaço ocupado pela personagem principal do conto: Susan Rawlings não trabalha mais e compartilha o espaço domiciliar com o resto de sua família, o que sem dúvida interfere em sua autonomia. Isso fica evidente quando a personagem compara sua vida atual com a do marido: "Ela contou a ele sobre seu dia (não tão interessante quanto o dele, mas isso não era culpa dela)" (Lessing, 1966, p. 270, tradução nossa)<sup>36</sup>. Susan reconhece que sua vida em casa é monótona, enquanto a vida de seu marido, que habitava outras esferas espaciais, é mais atrativa.

Virginia Woolf aborda a questão da autonomia da mulher em seu famoso ensaio *A Room of One's Own*, de 1929. Ao falar sobre mulheres na literatura, a autora menciona que toda mulher precisa ter dinheiro e um quarto para chamar de seu para que consiga escrever. O dinheiro e o espaço mencionados por Woolf (2014) são destinados a proporcionar autonomia e liberdade a fim de que a mulher possa exercer sua função pretendida. Estendendo o entendimento para a autonomia de mulheres, em geral, no caso de Susan Rawlings, assim como no da narradora de "The Yellow Wallpaper" (2007), podemos afirmar que há uma falta de ambos os aspectos em suas vidas: dinheiro próprio e espaço.

Apesar de conhecer e estar, anteriormente, familiarizada com ganhar seu próprio dinheiro e ter "um teto para chamar de seu", essa não é mais a realidade de Susan Rawlings. A personagem nos confessa que "todos sabemos dos ressentimentos escondidos e privações de uma mulher que viveu sua própria vida — e acima de tudo, ganhou seu próprio sustento — e agora é dependente de um marido para assuntos exteriores e dinheiro" (Lessing, 1966, p. 270, tradução nossa)<sup>37</sup>. Falando sobre dinheiro e maternidade, Woolf aponta que:

---

<sup>36</sup> No original: "she told him about her day (not as interesting, but that was not her fault)" (Lessing, 1966, p. 270)

<sup>37</sup> No original: "for both knew of the hidden resentments and deprivations of the woman who has lived her own life — and above all, has earned her own living — and is now dependent on a husband for outside interests and money" (Lessing, 1966, p. 270)

Nenhum ser humano é capaz de fazer uma fortuna e criar treze filhos. Considere os fatos, nós dissemos. Primeiro, são nove meses antes do bebê nascer. Então, o bebê nasce. Depois são três ou quatro meses gastos amamentando o bebê. Depois que o bebê é alimentado, certamente são mais 5 anos brincando com ele. (Woolf, 2014, p. 13, tradução nossa)<sup>38</sup>

Susan agora é ligada à sua casa, fortemente acorrentada a seus afazeres como mãe e esposa. Tais deveres a impedem de retomar sua vida profissional e, conseqüentemente, ganhar seu próprio dinheiro. Sendo assim, a autonomia da personagem é carcomida e ela precisa recorrer ao seu marido para quaisquer que forem seus interesses. Desse modo,

Começa a configurar-se uma espécie de divisão interna entre uma personalidade que assume suas obrigações femininas e um “eu” que não consegue conviver com a consciência das limitações instauradas por seu papel tradicional. (Gonçalves, 2017, p. 30)

Sra. Rawlings perde o poder de liderar muitas de suas ações, uma vez que muitas de suas escolhas precisam antes passar pelo conhecimento de seu marido.

Nesse caso, entende-se como a relação entre autonomia e espaço é inversamente proporcional. Como vimos anteriormente, Susan se encontra confinada no espaço de sua casa, pois lhe falta autonomia, e estar neste ambiente, por sua vez, mina a autonomia de Susan. A esfera domiciliar a limita a cumprir exclusivamente o papel de mãe e esposa. Ela relata que “assim que ela forçava sua mente para pensar em sua vida, sobre si mesma, (para o que mais ela iria querer ficar sozinha?), sua mente se voltava para pensamentos sobre manteiga e roupas de escola. Ou sobre a senhora Parkes” (Lessing, 1966, p. 278, tradução nossa)<sup>39</sup>. Desse modo, falta um espaço para focar em si mesma, para exercer sua liberdade moral e intelectual.

Como mencionado anteriormente, a liberdade moral é parte da definição de autonomia. Está ligada ao poder de um indivíduo de agir de acordo com as suas próprias vontades. Para Susan, uma forma de ter liberdade moral é realizar seu maior desejo: estar sozinha e livre das pressões que a cercam.

Apenas após sair de sua casa e do nevoeiro dos papéis socialmente estabelecidos, Susan consegue recuperar parte da sua autonomia, mesmo que momentaneamente.

<sup>38</sup> No original: “Making a fortune and bearing thirteen children — no human being could stand it. Consider the facts, we said. First there are nine months before the baby is born. Then the baby is born. Then there are three or four months spent in feeding the baby. After the baby is fed there are certainly five years spent in playing with the baby” (Woolf, 2014, p. 13)

<sup>39</sup> No original: “As soon as she forced her mind to think about Susan (for what else did she want to be alone for?), it skipped off to thoughts of butter or school clothes. Or it thought of Mrs. Parkes” (Lessing, 1966, p. 278)

Ela era Sra Jones e estava sozinha, sem um passado e sem um futuro. “Aqui estou”, ela pensou, “depois de todos esses anos casada e com filhos e cumprindo todos esses papéis e responsabilidades — e eu continuo igual. Ainda que houvesse tempos em que eu achava que não existia nada de mim além dos papéis envolvidos em ser a Sra. Matthew Rawlings. Sim, aqui estou, e se eu nunca mais ver alguém da minha família, eu ainda estarei aqui... Isso é tão estranho!” (Lessing, 1966, p. 292, tradução nossa)<sup>40</sup>.

Naquele momento, ela sente que sua existência não está atrelada a sua família, nem às suas responsabilidades como mãe ou esposa. Susan se enxerga como um indivíduo. Ela percebe que é mais do que apenas uma mulher que vive em prol de seu marido, filhos e casa.

Sendo assim, tanto a narradora em "The Yellow Wallpaper" (2007) quanto Susan Rawlings em "To Room Nineteen" (1966) perdem sua autonomia como consequência do espaço em que permanecem e continuam neste espaço por falta de autonomia. Falando sobre mulheres que continuam na esfera doméstica, Massey (1994, p. 209, tradução nossa)<sup>41</sup> pontua que “elas não criam círculos de amizade ou contatos independentes, nem estabelecem uma esfera de existência espacial separada”. A existência espacial separada é crucial para o desenvolvimento da autonomia. Porém, observa-se que nos dois contos o espaço habitado pelas personagens é transpassado por relações sociais limitadas ao âmbito familiar. Nessa esfera, essas duas mulheres cumprem seus papéis socialmente estabelecidos enquanto perdem sua autonomia e conseqüentemente seu senso de identidade.

---

<sup>40</sup> No original: “She was Mrs. Jones, and she was alone, and she had no past and no future. Here I am, she thought, after all these years of being married and having children and playing those roles of responsibility — and I’m just the same. Yet there have been times I thought that nothing existed of me except the roles that went with being Mrs. Matthew Rawlings. Yes, here I am and If I never saw any of my family again, here I would still be... how very strange that is!” (Lessing, 1966, p. 292)

<sup>41</sup> No original: “They do not make independent circles of friends and contacts, nor establish a spatially separate sphere of existence” (Massey, 1994, p. 209)



### 3 ENCLAUSURAMENTO E LOUCURA

Em "The Yellow Wallpaper" (2007) e em "To room nineteen" (1966) observa-se a relação estabelecida entre enclausuramento e loucura. A falta de liberdade das mulheres representadas nos contos aparece como um pré-requisito para o comportamento posterior que é relacionado com a loucura.

Primeiramente, comparando o enclausuramento e falta de autonomia nos contos, podemos observar que a narradora em "The Yellow Wallpaper" (2007) e Susan, personagem principal de "To room nineteen" (1966), vivem uma prisão não só física como também mental. Em "The Yellow Wallpaper" (2007), a jornada da narradora se dá pela busca de sua liberdade espacial, uma vez que ela é submetida a um tratamento cujo método a confina em uma casa. A narradora revela em seus escritos que pessoalmente não concorda com o tratamento, pois acredita que "trabalho congênito, animação e mudança" a fariam bem (Gilman, 2007, p. 1392, tradução nossa)<sup>42</sup>. Embora discorde de seu confinamento, sua opinião tem pouco ou nenhum efeito se contrastada com os comandos de seu marido e de seu irmão, ambos médicos. Além de ser proibida de trabalhar, ao sugerir que ter mais contato social e estímulos seriam bons para ela, ela também é orientada a não pensar sobre sua condição. Como já mencionado, a narradora não está apenas presa fisicamente, a prisão se estende a seus pensamentos e suas ações.

A prisão mental simultânea ao isolamento é ainda mais evidente em "To Room Nineteen" (1966). Vivendo anos de renúncia a sua própria individualidade por sua família confinada em sua casa, Susan tem consciência de que há um ressentimento escondido em si mesma por todas as privações que lhe foram impostas. Ela se lembra de como era a realidade quando ela estava "vivendo sua própria vida" (Lessing, 1966, p. 275, tradução nossa)<sup>43</sup>. Susan acredita que com a ida de seus filhos para a escola, ela finalmente se verá livre por algumas horas. Quando ela se depara com a prisão mental, ao se forçar a pensar em si mesma, Susan é surpreendida. "Ela deveria estar pensando sobre sua vida, sobre si mesma. Mas ela não estava. Ou talvez, ela não conseguisse" (Lessing, 1966, p. 278, tradução nossa)<sup>44</sup>. Mesmo que tivesse uma liberdade espacial superficial, Susan estava conectada mentalmente a sua casa e aos papéis atribuídos a ela.

---

<sup>42</sup> No original: "congenital work, with excitement and change" (Gilman, 2007, p. 1392)

<sup>43</sup> No original: "living her own life" (Lessing, 1966, p. 275)

<sup>44</sup> No original: "She ought to be thinking about her life, about herself. But she did not. Or perhaps she could not." (Lessing, 1966, p. 278).

Observa-se que o confinamento espacial traz como consequência o confinamento mental. Como no exemplo de Susan, a pessoa passa a estar mentalmente ligada ao ambiente a qual é confinada. Por estarem presas em suas casas, essas mulheres não só deixam de desfrutar de outros espaços, como também de outras companhias (Massey, 1994). Isso as isola de ter interesses compartilhados com outras pessoas, além de suas famílias, bem como as exclui das formas sociais e políticas dominantes (Massey, 1994). Restringidas à uma vida familiar, as personagens analisadas acabam, conseqüentemente, perdendo também a sua individualidade.

Em "The Yellow Wallpaper" (2007), além de não poder deixar a casa, a personagem principal era proibida de escrever. Como citado por Virginia Woolf (2014), parafraseando Senhorita Nightingale, em seu já mencionado ensaio *A Room of One's Own*, uma mulher nunca tem meia hora para chamar dela. Isso acontece frequentemente em "The Yellow Wallpaper" (2007), porque a narradora dedica seus dias e horas a seguir as orientações dadas pelo marido. Apesar de aparentar ter mais liberdade em "To room nineteen" (1966), Susan está tão presa ao lar quanto a personagem anterior e isso também compromete sua identidade. "Eu me casei e, desde o momento em que engravidei pela primeira vez, eu me doeï a outras pessoas. Às crianças. Nem por um momento, em doze anos, eu fiquei sozinha ou tive tempo pra mim mesma." (Lessing, 1966, p. 275, tradução nossa)<sup>45</sup>. Como seu marido trabalha fora de casa por longas horas, tudo relacionado aquela esfera recai sob seus ombros. Doreen Massey (1994) exorta que certos empregos requerem que o contribuidor não faça o trabalho de reproduzir e cuidar de outras pessoas e implicam que na verdade outra pessoa faça esse trabalho por eles; em "To room nineteen" (1966) essa pessoa era Susan. Sendo assim, por anos, ela teve como principal ocupação cuidar dos filhos, da casa e do marido, o que a desconectou de seus próprios interesses de tal forma que, agora, livre por algumas horas, ela não consegue se reconectar consigo mesma. Susan está mentalmente presa aos papéis a que foi submetida.

Sobre mulheres e escrita, Virginia Woolf (2014) exorta que toda mulher deve ter um quarto só dela. No que concerne ao fator espaço, Doreen Massey (1994) nos mostra que não se trata apenas de uma superfície plana, mas criada por relações sociais que são, em sua natureza, dinâmicas. Tanto Susan em "To Room Nineteen" (1966) quanto a narradora em "The Yellow Wallpaper" (2007) têm alguns momentos a sós em cômodos de suas casas,

---

<sup>45</sup> No original: "I married, and from the moment I became pregnant for the first time I signed myself over, so to speak, to other people. To the children. Not for one moment in twelve years have I been alone, had time to myself." (Lessing, 1966, p. 275).

mesmo assim estes não as pertencem completamente. O espaço em que as narradoras de "The Yellow Wallpaper" (2007) e "To Room Nineteen" (1966) se encontravam as confinava, também, a certas relações sociais. Levando isso em conta, Susan e a personagem principal de "The Yellow Wallpaper" (2007) precisam de algo que fosse só delas e que possa restaurar sua autonomia e individualidade.

Sendo assim, ambas personagens sentem a necessidade de se libertar do aprisionamento por encontrar um refúgio para si mesmas. Em "The Yellow Wallpaper" (2007), a narradora descobre no papel de parede uma forma de ocupar sua mente. Já em "To room nineteen" (1966), o quarto 19 vem como sinônimo de emancipação mental para Susan. Nestes contextos, a personagem principal de "The Yellow Wallpaper" (2007) e Susan se sentem melhor, mesmo que momentaneamente. Por exemplo, a narradora de "The Yellow Wallpaper" (2007) escreve em seu diário: "a vida é mais animada do que costumava ser" e "tenho algo para esperar, ansiar e assistir" (Gilman, 2007, p. 1399, tradução nossa)<sup>46</sup>. Da mesma forma, enquanto aprecia a liberdade do quarto 19, Susan reflete "houve tempos em que acreditei que eu não existia além dos papéis que vinham junto com o fato de ser Sra. Matthew Rawlings. Sim, aqui estou e se eu nunca mais visse ninguém da minha família novamente, ainda assim, eu estaria aqui" (Lessing, 1966, p. 293, tradução nossa)<sup>47</sup>. Elas veem no papel de parede e no quarto um vislumbre do que lhes é negado: algo para chamar de só seu.

As personagens, que se encontram presas, precisam de um espaço só seu, não apenas em sentido literal. A personagem principal em "The Yellow Wallpaper" (2007) precisa de liberdade espacial e de suas próprias ações. Há a necessidade de algo que seja só dela e este algo está no papel de parede. Já em "To Room Nineteen" (1966), Susan anseia por existir além do contexto dos papéis socialmente atribuídos a esposa, mãe e dona de casa e no quarto 19 ela pode vislumbrar tal sensação.

No entanto, o sentimento de liberdade não dura tanto para as personagens. Em "The Yellow Wallpaper" (2007), a personagem principal teme que alguém encontre e desvende o mistério do papel de parede, exclamando "eu estou determinada que ninguém deve descobrir dele além de mim" (Gilman, 2007, p. 1399, tradução nossa)<sup>48</sup>. Notamos a urgência da narradora de ter algo pertencente exclusivamente a si mesma e o temor de que outros possam

---

<sup>46</sup> No original: "Life is very much more exciting now than it used to be" e "I have something more to expect, to look forward to, to watch." (Gilman, 2007, p. 1399)

<sup>47</sup> No original: "Yet there have been times I thought that nothing existed of me except the roles that went with being Mrs. Matthew Rawlings. Yes, here I am and If I never saw any of my family again, here I would still be... how very strange that is!" (Lessing, 1966, p. 293)

<sup>48</sup> No original: "I am determined that nobody shall find it out but myself!" (Gilman, 2007, p. 1399)

proibi-la de exercer suas buscas no papel de parede amarelo, da mesma forma com a qual a escrita e outras ações foram negadas.

Em “To room nineteen” (1966), Susan não tem tanta sorte, desconfiando que Susan se encontra com um amante, Matthew investiga e descobre sobre o quarto 19. Agora, com seu marido a par de onde ela se encontra, Susan não consegue mais se desvincular desses pensamentos aprisionantes relacionados a seus papéis sociais enquanto está no quarto 19. Em uma de suas idas ao quarto posterior ao acontecimento, ela sente que “a paz do quarto se foi” (Lessing, 1966, p. 297, tradução nossa)<sup>49</sup>. “Ela estava tentando conscientemente reviver aquilo e entrar naquele transe sombrio (ou seja lá o que for que aquilo era) que ela encontrou lá. Era em vão” (Lessing, 1966 p. 297, tradução nossa)<sup>50</sup>. Susan precisa de um quarto só dela, um lugar onde sinta que sua existência não se resume à sua casa, filhos e marido, entretanto esse ambiente foi tomado dela.

O aprisionamento a que as personagens foram submetidas traz consequências marcantes para ambas as mulheres. Gilbert e Gubar expõem que “como poetas românticos já temiam, muita imaginação poderia ser perigosa para qualquer um, homem ou mulher, mas a cultura patriarcal sempre presumiu que o exercício mental para mulheres teria terríveis consequências” (Gilbert; Gubar, 2000, p. 55, tradução nossa)<sup>51</sup>. Possivelmente o tratamento recebido pela personagem de “The Yellow Wallpaper” (2007) é influenciado por tal pensamento. Proibida de exercitar as suas faculdades mentais e condenada a um descanso exaustivo, ela encontra no papel de parede amarelo um alvo para canalizar suas energias.

Jane M. Ussher enfatiza que “a loucura é comumente definida como um desvio dos papéis de gênero arquetípicos”, nesse caso, a narradora corre o risco de ser considerada louca pelo simples fato de desejar exercitar sua mentalidade, o que era atribuído como algo que não deveria ser feito por mulheres na época (Ussher, 2011, p. 13, tradução nossa)<sup>52</sup>.

Parafraseando Edward Shorter, Jane M. Ussher pontua que “os sintomas que são aceitos como legítimos sinais de doença ou loucura, a *‘symptom pool’* são particulares e peculiares a uma cultura específica em um momento específico” (Ussher, 2011, p. 10, tradução nossa)<sup>53</sup>. Susan, em “To Room Nineteen” (1966), também se encaixa nessa

<sup>49</sup> No original: “The peace of the room had gone” (Lessing, 1966, p. 297)

<sup>50</sup> No original: “She was trying consciously to revive it, trying to let go into the dark creative trance (or whatever it was). It was no use.” (Lessing, 1966, p. 297)

<sup>51</sup> No original: “As Romantic poets feared, too much imagination may be dangerous to anyone, but for women in particular patriarchal culture has always assumed mental exercises would have dire consequences” (Gilbert; Gubar, 2000, p. 55)

<sup>52</sup> No original: “Madness is often defined as deviation from archetypal gendered roles” (Ussher, 2011, p. 13)

<sup>53</sup> No original: “the symptoms that are accepted as legitimate signs of illness or madness, the symptoms pool, are particular and peculiar to a specific culture, at a specific point in time” (Ussher, 2011, p. 10)

definição, tendo em vista que, como mulher e mãe, inserida na época em que vive, espera-se socialmente que ela deseje estar com os filhos e se doe a sua família, deixando a si mesma em segundo plano.

Em *The Madwoman in the Attic*, Gilbert e Gubar (2000) exploram as doenças que envolvem o âmbito emocional e psicológico e o treinamento rigoroso que as mulheres recebiam na era vitoriana para se encaixarem nos padrões socialmente impostos na época. As autoras concluem que as doenças: “não eram o produto de seu treinamento de feminilidade, elas eram o objetivo do treinamento” (Gilbert; Gubar, 2000, p. 54, tradução nossa)<sup>54</sup>. É coerente que cheguemos à conclusão que, em "The Yellow Wallpaper" (2007), a personagem principal é levada a sua condição pelas circunstâncias em que se encontra. Sua loucura, é na verdade uma consequência das restrições físicas e mentais às quais é submetida.

Em “To Room Nineteen” (1966), a loucura também é resultado de circunstâncias às quais a personagem é submetida. No caso de Susan, a pressão de estar sempre disponível e focada em assuntos familiares a leva a um estado tão extremo que, em sua concepção, tirar a própria vida é a sua única forma de descansar. Mesmo em seus últimos momentos, ela pensa em seus filhos e seu marido, devaneando: “Que hipocrisia sentar aqui e se preocupar com as crianças quando ela estava prestes a deixá-los, pois não tinha mais energia pra continuar” (Lessing, 1966, p. 303, tradução nossa)<sup>55</sup>. Apesar de se preocupar genuinamente com sua família, o peso de suas tarefas e a carga mental atreladas a elas são difíceis de suportar.

O desejo de uma mulher por privacidade e independência já foi considerado por médicos como repulsivo e no imaginário social essa imagem ainda não se apagou (Ussher, 2011). É possível que o fato de conviver em sociedade e existir dentro dessas amarras mentais podem ter influenciado Susan a pensar que seu desejo de existir a sós fosse egoísta. De qualquer modo, ela não tem mais forças para continuar e a única forma que vê de se libertar daqueles pensamentos é não pensando mais.

Tanto em "The Yellow Wallpaper" (2007) como em “To Room Nineteen” (1966), observa-se como a loucura e o confinamento andam de mãos dadas. A sequência de eventos em ambos os contos são similares e provam esse ponto. Nas histórias, lê-se que as duas mulheres, de alguma forma, são restringidas a algo: liberdade para fazer o que gostam, conviver com outras pessoas ou exercer suas individualidades. Nesse contexto, elas procuram e encontram alguma coisa que possa ser considerada só delas, um objeto de fuga momentânea

---

<sup>54</sup> No original: “were not always byproducts of their training in femininity, they were the goals of such training.” (Gilbert; Gubar, 2000, p. 54)

<sup>55</sup> No original: “What hypocrisy to sit here worrying about the children, when she was going to leave them because she had not got the energy to stay.” (Lessing, 1966, p. 303)

do aprisionamento: o papel de parede amarelo ou o quarto 19. A narradora de "The Yellow Wallpaper" (2007) e Susan também enfrentam a ameaça de perder o vislumbre de liberdade por influência das pessoas que estão próximas a elas, o que acaba, de fato, acontecendo em "To Room Nineteen" (1966). Por fim, as personagens procuram uma forma de se desprender das amarras que foram submetidas e enlouquecem. Esse segmento de acontecimentos leva à conclusão de que a loucura é uma consequência direta da falta de autonomia e do enclausuramento que as personagens se encontram.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre espaço, gênero e loucura ficam evidentes na leitura de "The Yellow Wallpaper" (2007) e "To Room Nineteen" (1966). Observa-se que as personagens principais de cada conto têm suas vidas perpassadas por esses fatores. Em "The Yellow Wallpaper" (2007), o gênero: ser mulher em uma época que isso significava não ter voz; o espaço: estar confinada à esfera familiar e a iminente loucura marcam presença no enredo da narradora. Em "To Room Nineteen" (1966), os papéis atrelados ao gênero: ser esposa e mãe em tempo integral; o espaço: estar confinada à esfera familiar e às suas responsabilidades e a loucura também são cruciais para o conto. Esses três aspectos trazem à tona a existência da falta de autonomia e o enclausuramento vivenciado pelas personagens.

Esta pesquisa compara a forma com a qual as duas obras retratam o enclausuramento, a dependência e a falta de autonomia das personagens, apontando como esses temas estão interligados e são responsáveis pela deterioração mental posterior sofrida por ambas as narradoras dos contos. Para tal fim, na seção "Espaço e Falta de Autonomia", utiliza-se fundamentos teóricos de espaço e gênero sob uma perspectiva comparatista. Após analisar a teoria e comparar os contos, é observado que a falta de autonomia vivenciada pelas personagens nos enredos é influenciada pelo espaço e pelas relações sociais inerentes a eles. Tanto a narradora em "The Yellow Wallpaper" (2007) quanto Susan em "To Room Nineteen" (1966) habitam espaços onde são limitadas a apenas relações do âmbito familiar. Sua existência espacial está fortemente confinada às casas que habitam.

O confinamento e suas consequências são explorados sob o tópico "Enclausuramento e loucura" por meio dos fundamentos teóricos de espaço, gênero e loucura sob uma perspectiva comparatista. A análise mostra que as personagens estão confinadas não só no âmbito físico como também intelectual e mentalmente. A narradora em "The Yellow Wallpaper" (2007) é proibida de escrever. Já em "To Room Nineteen" (1966), Susan se vê impossibilitada de pensar em assuntos pessoais, pois se vê mentalmente atrelada a assuntos relacionados aos seus deveres como mãe e esposa.

Em ambos os contos, as personagens se esforçam para encontrar um espaço só seu. A narradora em "The Yellow Wallpaper" (2007) encontra no papel de parede amarelo um refúgio. Susan, em "To Room Nineteen" (1966), aluga um quarto onde se sente momentaneamente livre, em sentido mental e espacial. Nas obras, a narradora e Susan enfrentam a ameaça iminente de perder sua liberdade influenciadas por pessoas próximas, um

destino que se concretiza em "To Room Nineteen" (1966). Ambas as personagens buscam libertar-se das restrições impostas e acabam perturbadas. Esse conjunto de eventos sugere que a loucura das personagens surge diretamente da falta de autonomia e do confinamento ao qual são submetidas.



## REFERÊNCIAS

AMRO, HIBA. A Breakdown or a Breakthrough? “Madness” in Charlotte Perkin Gilman’s “The Yellow Wallpaper,” Doris Lessing’s “To room nineteen,” and Khairya Saqqaf’s “In a contemporary house”. **International Journal of Language and Literature**. Vol. 6, No. 2, p. 146-156, 2018.

BRUM, B.; BUCHWEITZ, R. A Loucura Como Forma de Libertação: As Relações de Poder no Conto O Papel de Parede Amarelo. *In: IV Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais*, 2019., Caxias do Sul. Anais do Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais. Caxias do Sul: UCS, 2019 p. 62-72.

COELHO, Teresinha; CECCARELLI, Paulo. **Sobre o nome próprio**. Reverso, Belo Horizonte, n.84, p. 87-94, 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: O dicionário da Língua Portuguesa. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic**: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination. New Haven, 2nd ed. Yale University Press, 2000.

GILMAN, Charlotte Perkins. The Yellow Wallpaper. *In: GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan (Eds). The Norton Anthology of Literature by Women: The Traditions in English*. New York: W. W. Norton & Company, 2007, p. 1392-1403.

GILMAN, Charlotte Perkins. Why I wrote The Yellow Wallpaper. **The Forerunner**, v. 4, p. 271: 1913

GONÇALVES, Ana Leticia Barbosa de Faria. **A escrita feminina**: tensões e realizações. 2017. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/155542>.

LAINING, R. D. **The Politics of Bird Experience and The Bird of Paradise**. Penguin Books: England, 1970.

LESSING, Doris. To Room Nineteen. *In*: LESSING, Doris. **A Man and Two Women**. London: Macgibbon & Kee Ltd., 1966, p. 267-304.

MASSEY, Doreen. **Space, Place and Gender**. Minnesota: Polity Press and Blackwell Publishers, 1994.

USSHER, Jane M. **The madness of women: myth and experience**. 2nd ed. New York: Routledge, 2011.

WOOLF, Virginia. A Room of One's Own:(1929). *In*: **The people, place, and space reader**. Routledge, 2014. p. 304-308.